

## ARTIGO

## Um homem em três dimensões

O dramaturgo e ator Ricardo Guilherme passeia pela diversidade intelectual, política e artística de Eduardo Campos. Para ele, a obra de Manuelito Eduardo sobrepõe-se às circunstâncias históricas

**Ricardo Guilherme**  
especial para O POVO

[22 Setembro 16h29min 2007]

Manuel Eduardo Pinheiro Campos, um nome e, pelo menos, três dimensões: o artista, o gestor e o intelectual. Em um só corpo, três personas: o Eduardo Campos, o doutor Manuelito e o Manuelito Eduardo. O primeiro gerando uma obra de contista, romancista e dramaturgo; o segundo gerindo instituições (Diários e Emissoras Associados, Secretaria de Cultura, Academia Cearense de Letras, Instituto Histórico do Ceará) e o terceiro gestando dissertações sociológicas e antropológicas que inauguram um olhar sobre a história do cotidiano de Fortaleza no século XIX, seus ritos e rituais, para além da historiografia dos heróis e de efemérides.

Desde a década de 1940, eis um nome que transcende a si mesmo, incorporando multiplicidades em uma só vida. Não tão-somente fez; fez com que sua geração fizesse e digeriu saberes e fazeres que o antecederam, criando e recriando trajetórias que compõem uma cartografia multidimensional da cearensidade. Em suma, um dos construtores de nossa identidade. Sem a sua contribuição seminal, não saberíamos quem fomos, quem somos nem o que poderíamos ou podemos vir a ser. Mesmo que consideremos eventuais dessintonias ideológicas entre a sua prática como cidadão e o compromisso social que emana de seu trabalho como escritor.



*Eduardo Campos à época que foi secretário de Cultura do Estado*

Sim, na tríade em que Manuel Eduardo Pinheiro Campos se constituiu e se instituiu aparecem algumas vezes estranhamentos entre criador e criatura.

Houve ocasiões, por exemplo, nas quais a ideologia dos escritos da persona Eduardo Campos - sobretudo nas peças *Os Deserdados* (1952), *O Morro do Ouro* (1963) e *Rosa do Lagamar* (1964) - contradisseram os engajamentos políticos de seu alter ego 'Doutor Manuelito'. Durante o período de hegemonia da oligarquia Acioly, Carlos Câmara - autor igualmente fundante da dramaturgia cearense no século XX - vivenciou também tais dicotomias. Porém, a arte sobrepuiu a vida e a contribuição de ambos sobreviveu às intempéries circunstanciais. Um como o fundador da comédia de costumes cearenses; outro como fundador do modernismo no nosso teatro.

Com a morte de Manuel Eduardo Pinheiro Campos não morre apenas uma pessoa; morre uma instigante trindade e com ela fecha-se um ciclo. Sobretudo para a dramaturgia cearense, o dia 19 de setembro de 2007 marca o fim do século XX. Portanto, essa perda, além de nos agredir, nos desafia, pois nos fermenta a emoção e nos fomenta a razão. Afinal, herdamos o legado de uma tridimensionalidade e teremos de transcendê-lo. Quando o fizermos, haveremos de estar iniciando na cultura do Ceará o século XXI.

### Leia mais sobre esse assunto

22/09/2007 16:29:42 - ["Até um dia" a Eduardo Campos](#)  
 22/09/2007 16:29:42 - [Bibliografia](#)  
 22/09/2007 16:29:42 - [Lembranças de chuva](#)  
 22/09/2007 16:29:42 - [Para rememorar a história do Ceará](#)  
 22/09/2007 16:29:42 - [Um gigante de voz retumbante](#)  
 22/09/2007 16:29:42 - [Um trem em movimento](#)  
 22/09/2007 16:29:42 - [Viagem definitiva](#)